

INFORME
DO PLANETA AZUL
e outras histórias
de Luis Fernando Verissimo

Copyright © 2018 by Luis Fernando Verissimo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico Retina 78

Revisão Carmen T. S. Costa e Luciane Helena Gomide

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verissimo, Luis Fernando
Informe do Planeta Azul e outras histórias / Luis Fernando Verissimo. — 1ª ed. — São Paulo : Boa Companhia, 2018.

ISBN 978-85-65771-15-3

1. Contos brasileiros I. Título.

18-13109

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

APRESENTAÇÃO

7	O gênio da vida privada
9	Pá, pá, pá
13	Og e Mog
16	Futebol de rua
20	Peça infantil
24	Do livro de anotações do dr. Stein
28	O megalô e o paranoico
32	Crítério
35	Ishimura
39	Aptidão
42	A espada
45	Ela
49	O monstro
50	A bola
52	Na fila
55	Terror
58	Sfot poc
62	Solidários na porta
64	A volta (I)
67	A volta (II)
70	Metido
73	Meias

75	A pobre Bel
77	Desesperado, o poeta
79	A conversa
82	O estranho procedimento de dona Dolores
86	Minhas férias
88	O outro e outros
92	O que ela mal sabia
94	Aparece lá em casa
96	Alívio
98	O analista de Bagé
100	Ser gaúcho
103	Pneu furado
104	O lançamento do Torre de Babel
108	O casamento
116	Paixão própria
120	Tecnologia
123	Citações
126	Ri, Gervásio
130	O robô
133	Conteúdo dos bolsos
138	O poder e a troça
140	Informe do Planeta Azul
144	Créditos dos textos

O GÊNIO DA VIDA PRIVADA

Filho de um craque da literatura — Erico Verissimo, autor de *Ana Terra* e *O tempo e o vento*, entre outros clássicos —, Luis Fernando Verissimo tem muitos talentos. Além de exímio escritor, é apaixonado por jazz, toca saxofone e ainda é ótimo desenhista. Se você não conhece esse lado dele, procure as tirinhas das Cobras ou da Família Brasil. Elas são exemplos perfeitos desse casamento entre texto e imagem que ele sabe fazer tão bem. A capacidade de concisão e o humor — com eventuais mergulhos mais profundos — são as principais marcas de sua vasta obra, que inclui centenas de contos e crônicas, além de romances, poemas e quadrinhos.

Em *Informe do Planeta Azul* reunimos textos de diversas fases da trajetória de Verissimo, alguns deles publicados há mais de trinta anos e, em alguns casos, nunca mais republicados. As temáticas e personagens são muito variadas, refletindo o amplo espectro criativo de seu autor, passando pelas cenas mais cotidianas até situações que beiram o absurdo, como a da mulher que, na sala de espera do consultório do dentista, lê sobre sua própria vida numa revista. Trechos do diário do dr. Frankenstein, a história do

japonês que não sabia que a Segunda Guerra Mundial tinha terminado e a estranha neurose de dona Dolores são apenas algumas das incríveis histórias que você encontrará neste livro.

Unanimidade, sucesso incontestável de crítica e público, e um de nossos escritores mais queridos, Luis Fernando Verissimo é mesmo uma boa companhia.

PÁ, PÁ, PÁ

A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isso prestava muita atenção em tudo que os outros diziam. Era daquelas americanas que prestam muita atenção.

Achava curioso, por exemplo, o “pois é”. Volta e meia, quando falava com brasileiros, ouvia o “pois é”. Era uma maneira tipicamente brasileira de não ficar quieto e ao mesmo tempo não dizer nada. Quando não sabia o que dizer, ou sabia mas tinha preguiça, o brasileiro dizia “pois é”. Ela não aguentava mais o “pois é”.

Também tinha dificuldade com o “pois sim” e o “pois não”. Uma vez quis saber se podia me perguntar uma coisa.

— Pois não — disse eu, polidamente.

— É exatamente isso! O que quer dizer “pois não”?

— Bom. Você me perguntou se podia fazer uma pergunta. Eu disse “Pois não”. Quer dizer “pode, esteja à vontade, estou ouvindo, estou às suas ordens...”.

— Em outras palavras, quer dizer “sim”.

— É.

— Então por que não se diz “pois sim”?

— Porque “pois sim” quer dizer “não”.

— O quê?!

— Se você disser alguma coisa que não é verdade, com a qual eu não concordo, ou acho difícil de acreditar, eu digo “pois sim”.

— Que significa “pois não”?

— Sim. Isto é, não. Porque “pois não” significa “sim”.

— Por quê?

— Porque o “pois”, no caso, dá o sentido contrário, entende? Quando se diz “pois não”, está-se dizendo que seria impossível, no caso, dizer “não”. Seria inconcebível dizer “não”. Eu dizer não? Aqui, ó.

— Onde?

— Nada. Esquece. Já “pois sim” quer dizer “ora, sim!”. “Ora, se eu vou aceitar isso.” “Ora, não me faça rir. Rá, rá, rá.”

— “Pois” quer dizer “ora”?

— Ahn... Mais ou menos.

— Que língua!

Eu quase disse: E vocês, que escrevem “tough” e dizem “tâf”, mas me contive. Afinal, as intenções dela eram boas. Queria aprender. Ela insistiu:

— Seria mais fácil não dizer o “pois”.

Eu já estava com preguiça.

— Pois é.

— Não me diz “pois é”!

Mas o que ela não entendia mesmo era o “pá, pá, pá”.

— Qual o significado exato de “pá, pá, pá”?

— Como é?

— “Pá, pá, pá”.

— “Pá” é pá. “Shovel”. Aquele negócio que a gente pega assim e...

— “Pá” eu sei o que é. Mas “pá” três vezes?

— Onde foi que você ouviu isso?

— É a coisa que eu mais ouço. Quando brasileiro começa a contar história, sempre entra o “pá, pá, pá”.

Como que para ilustrar nossa conversa, chegou-se a nós, providencialmente, outro brasileiro. E um brasileiro com história:

— Eu estava ali agora mesmo, tomando um cafezinho, quando chega o Túlio. Conversa vai, conversa vem e coisa e tal e pá, pá, pá...

Eu e a americana nos entreolhamos.

— Funciona como reticências — sugeri eu. — Significa, na verdade, três pontinhos. “Ponto, ponto, ponto.”

— Mas por que “pá” e não “pó”? Ou “pi” ou “pu”? Ou “et cetera”?

Me controlei para não dizer “E o problema dos negros nos Estados Unidos?”.

Ela continuou:

— E por que tem que ser três vezes?

— Por causa do ritmo. “Pá, pá, pá.” Só “pá, pá” não dá.

— E por que “pá”?

— Porque sei lá — disse, didaticamente.

O outro continuava sua história. História de brasileiro não se interrompe facilmente.

— E aí o Túlio veio com uma lenga-lenga que vou te contar. Porque pá, pá, pá...

— É uma expressão utilitária — intervi. — Substitui várias palavras (no caso, toda a estranha história do Túlio, que levaria

muito tempo para contar) por apenas três. É um símbolo de garulice vazia, que não merece ser reproduzida. São palavras que...

— Mas não são palavras. São só barulhos. “Pá, pá, pá.”

— Pois é — disse eu.

Ela foi embora, com a cabeça alta. Obviamente desistira dos brasileiros. Eu fui para o outro lado. Deixamos o amigo do Túlio papeando sozinho.

OG E MOG

O fogo, como se sabe, foi descoberto por Og, um troglodita. Isso faz anos. Og imediatamente associou-se a Ug, que inventara a roda e não sabia o que fazer com ela, e os dois inventaram a primeira carrocinha de cachorro-quente.

Como era a única que tinha fogo, a tribo de Og passou a dominar todas as outras. Escravizava pela intimidação:

— Trabalha, senão eu boto fogo na tua tanga.

Ou pelo comércio, trocando o fogo por tudo que as outras tribos pudessem oferecer. As tribos vinham de longe com suas peles e contas e trocavam por uma tocha acesa e a recomendação de não esbanjarem o fogo. Claro que a tocha acesa não durava muito e as tribos eram obrigadas a voltar para buscar outras. E nesse vão-vém ainda paravam para comer na carrocinha, a Og's.

Não é preciso dizer que o balanço de pagamento da tribo de Og era sempre favorável, enquanto as outras tribos empobreciam.

Og não contava para ninguém o segredo do fogo. Se alguém insistisse em saber, Og dizia:

— Você pode se queimar. Ou então incendiar a floresta. Esqueça.

Quando era necessário fazer fogo, Og retirava-se para sua caverna com duas pedras — que ele chamava de Know e de How — e um pouco de palha seca e dali a minutos voltava com fogo para vender. E não vendia barato.

— Tem fogo aí?

— O que é que você dá em troca?

— Tem esta caixinha que eu inventei que transforma a luz do sol em energia, só precisa ajustar um pouco e...

— Não interessa. Sua invenção não tem futuro.

Isto tudo, claro, na linguagem da época, que incluía grunhidos, latidos e golpes na cabeça.

Um dia, um espião da tribo de Mog, que vivia do outro lado do vale, conseguiu entrar na caverna de Og sem ser visto e descobriu como Og fazia o fogo. No dia seguinte, quando passava um olhar triunfante pelos seus domínios, que iam de horizonte a horizonte, Og teve um sobressalto. Da caverna de Mog, do outro lado do vale, saía um fio de fumaça. Og já não tinha mais o monopólio do fogo.

Og e Mog eram inimigos. Og até já pensara em ir à tribo de Mog e queimar tudo, preventivamente. E agora não podia mais fazer isso. Se fosse até a tribo de Mog queimar tudo, a tribo de Mog viria até a tribo de Og e queimaria tudo também. O jeito era parlamentar.

Og e Mog marcaram um encontro no meio do vale. Cada um foi acompanhado de todos os seus guerreiros, que portavam tochas acesas, embora fosse dia e fizesse muito calor. Og e Mog cumprimentaram-se, um dando na cabeça do outro com um fêmur de mamute. Mais tarde, já restabelecidos mas ainda no chão, os dois combinaram. Daqui para lá é tudo meu. Daqui para lá é tudo seu.

E ninguém mais, além de nós, pode ter o fogo.

Trocaram pontapés para selar o acordo e voltaram para suas tribos. Ficara acertado que só tribos responsáveis, como as suas, podiam ter o fogo. Isso apesar de Mog ter sacrificado vários membros da sua própria tribo para ter o fogo (o espião enxergara mal, pensava que era preciso bater um *crânio* contra outro para fazer faísca) e de Og ter sido o primeiro a arrasar uma floresta inteira só para testar o poder do seu fogo. Na tribo de Og havia um troglodita loiro, chamado Krup, conhecido pelo seu prazer em derubar mulheres e estuprar árvores. E Krup tinha acesso irrestrito ao fogo.

Mas Og e Mog não quiseram nem saber. Tribos responsáveis eram as que tinham descoberto o fogo primeiro. Irresponsáveis eram todas as outras.

E a tal caixinha que transformava a luz solar em energia? Foi abandonada. Não tinha futuro.

FUTEBOL DE RUA

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. Mas existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a *pelada*. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer *pelada* é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. Se você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. Futebol de rua é tão humilde que chama *pelada* de senhora.

Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

DA BOLA — A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. No caso de se usar uma pedra, lata ou outro objeto contundente, recomenda-se jogar de sapatos. De preferência os novos, do colégio. Quem jogar descalço deve cuidar para chutar sempre com aquela unha do dedão que estava precisando ser aparada mesmo. Também é permitido o uso de frutas ou legumes em vez de bola, recomendando-se nestes casos a laranja, a maçã, o chuchu e a pera.

Desaconselha-se o uso de tomates, melancias e, claro, ovos. O abacaxi pode ser utilizado, mas aí ninguém quer ficar no gol.

DAS GOLEIRAS — As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos. Camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor e até o seu irmão menor, apesar dos seus protestos. Quando o jogo é importante recomenda-se o uso de latas de lixo. Cheias, para aguentarem o impacto. A distância regulamentar entre uma goleira e outra dependerá de discussão prévia entre os jogadores. Às vezes essa discussão demora tanto que quando a distância fica acertada está na hora de ir jantar. Lata de lixo virada é meio gol.

DO CAMPO — O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, calçada, rua e a calçada do outro lado e — nos clássicos — o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

DA DURAÇÃO DO JOGO — Até a mãe chamar ou escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

DA FORMAÇÃO DOS TIMES — O número de jogadores em cada equipe varia de um a setenta para cada lado. Algumas convenções devem ser respeitadas. Ruim vai para o gol. Perneta joga na ponta, à esquerda ou à direita, dependendo da perna que faltar. De óculos é meia-armador, para evitar os choques. Gordo é beque.

DO JUIZ — Não tem juiz.

DAS INTERRUPÇÕES — No futebol de rua, a partida só pode ser paralisada numa destas eventualidades:

a) Se a bola for para baixo de um carro estacionado e ninguém conseguir tirá-la. Mande o seu irmão menor.

b) Se a bola entrar por uma janela. Neste caso os jogadores devem esperar não mais de dez minutos pela devolução volun-

tária da bola. Se isto não ocorrer, os jogadores devem designar voluntários para bater na porta da casa ou apartamento e solicitar a devolução. Primeiro com bons modos e depois com ameaças de depredação. Se o apartamento ou casa for de militar reformado com cachorro deve-se providenciar outra bola. Se a janela atravessada pela bola estiver com o vidro fechado na ocasião, os dois times devem reunir-se rapidamente para deliberar o que fazer. A alguns quarteirões de distância.

c) Quando passarem pela calçada:

- 1) Pessoas idosas ou com defeitos físicos.
- 2) Senhoras grávidas ou com crianças de colo.
- 3) Aquele mulherão do 701 que nunca usa sutiã.

Se o jogo estiver empatado em 20 a 20 e quase no fim esta regra pode ser ignorada e se alguém estiver no caminho do time atacante, azar. Ninguém mandou invadir o campo.

d) Quando passarem veículos pesados pela rua. De ônibus para cima. Bicicletas e Volkswagen, por exemplo, podem ser chutados junto com a bola e se entrar é gol.

DAS SUBSTITUIÇÕES — Só são permitidas substituições:

- 1) No caso de um jogador ser carregado para casa pela ore-lha para fazer a lição.
- 2) Em caso de atropelamento.

DO INTERVALO PARA DESCANSO — Você deve estar brincando.

DA TÁTICA — Joga-se o futebol de rua mais ou menos como o Futebol de Verdade (que é como, na rua, com reverência, chamam a *pelada*), mas com algumas importantes variações. O goleiro só é intocável dentro da sua casa, para onde fugiu gritando por socorro. É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina é corner.

DAS PENALIDADES — A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar um adversário dentro do bueiro. É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto.

DA JUSTIÇA ESPORTIVA — Os casos de litígio serão resolvidos no tapa.